

O basquete nas diferentes narrativas

Wellington S. Silva Júnior

Esse relato traz enunciados, discursos, representações e vivências minhas e dos alunos e alunas dos 3º e 4º anos na Escola Municipal Benedicto Cleto, em Sorocaba, no ano de 2019.

A escola na qual as aulas foram desenvolvidas possui dois ambientes destinados às aulas de Educação Física, uma sala e uma quadra. Na sala há lousa, tatames, uma televisão com DVD e internet com Wi-Fi. Na quadra há bolas, cordas, arcos, coletes, lousas portáteis e cones.

Comecei o ano letivo com uma roda de conversa, com a intenção de definir a prática corporal para estudarmos. Para isso, fiz algumas perguntas: quais atividades ou brincadeiras fizeram nas férias, na rua ou nos parques? O que vocês gostam de fazer nos intervalos? No momento, tem alguma brincadeira, dança, música ou qualquer outra coisa que vocês estão fazendo em comum?

Além do questionamento, propus que as crianças construíssem brinquedos com peças de lego ou fizessem um desenho na lousa que representasse uma prática corporal. Foram muitas as respostas e brinquedos criados: pipas, carrinho de rolimã, brincadeiras de corridas, parkour, vôlei, brincadeiras com bola, pega-pega, esconde-esconde, skate, patins, bicicleta, basquete, futebol, jogos online, armas, casas, bonecos e carrinhos.

A roda de conversa teve também por intenção oportunizar a voz dos estudantes, mas também, observei as atividades que as crianças faziam na hora do intervalo e dialoguei com os inspetores para melhor saber sobre essas brincadeiras.

Nas rodas de conversa o jogo online *Free Fire* foi o mais citado e praticado pelas crianças. Segundo os inspetores, algumas crianças, nos intervalos, ao brincarem com as peças de lego, também construíaam armas de fogo. Portanto, de início, escolhi como tema o jogo online *Free Fire*.

Porém, é proibido o uso de celular na escola. E agora, como estudar o *Free Fire*, um jogo online muito comum com o celular?

Sendo assim, diante das normas da instituição que nos disciplinam, abandono o tema escolhido e parto para outras atividades de mapeamento, retorno aos registros das já vivenciadas e busco escolher outra prática corporal. Antes da nova escolha, decido fazer só mais uma atividade, dessa vez na quadra, onde orientei que as crianças montassem quatro grupos, de forma livre, sem minha interferência. A intenção foi fazer

com que ficassem com quem têm mais afinidade e que, entre os amigos e amigas de maior convívio, pudessem expor seus gostos e vontades. Após, pedi para que ficassem em diferentes espaços na quadra, onde cada grupo faria uma atividade.

Os grupos um e dois, cada qual com uma pequena lousa, deveriam escrever ou desenhar uma prática corporal¹ que gostam de fazer ou que gostariam de estudar nas aulas de Educação Física. Enquanto isso, os grupos três e quatro, poderiam pegar qualquer material disponível no armário da quadra e desenvolverem atividades que decidissem fazer juntos e ao mesmo tempo.

No final, realizamos uma roda de conversa para que um ou mais alunos do grupo comentassem as atividades que escreveram na lousa ou que fizeram na quadra e qual seria a prática corporal escolhida para estudarmos.

Ao observar todos os registros referentes às primeiras atividades, considerando as possibilidades de recursos e espaços disponíveis na escola, percebi que o basquete esteve presente nas falas, nos escritos e nos gestos das crianças. Algumas já tinham me falado sobre estudar esse esporte, mas minha resposta foi não, porque no ano anterior já tínhamos trabalhado o tema.

De fato, no ano passado, com as mesmas turmas, estudamos no 1º bimestre jogos e brincadeiras africanas, nos 2º e 3º bimestres a copa do mundo e o futebol, e no 4º bimestre o basquete. A curiosidade das crianças pelo basquete surgiu devido a instalação das cestas na quadra. Porém, tivemos poucas aulas no último bimestre devido às festas, feriados, reuniões e recesso escolar. Situações que nos impediram de explorar com profundidade e amplitude essa prática corporal, que agora surge novamente como interesse das crianças.

Portanto, escolhi o basquete, tanto por ter sido colocado pelas crianças e porque senti a necessidade de dar continuidade a um estudo já iniciado, mas que não recebeu a devida atenção no ano anterior.

Antes de iniciar os estudos, perguntei para algumas turmas que tiveram aulas comigo no ano passado sobre o que elas se lembravam desse esporte. Poucas crianças responderam, provavelmente pelo número pequeno de oportunidades de estudos que tivemos. Mas um motivo para a escolha do tema.

Preparei a primeira aula sobre o basquete, com o objetivo de acessar a leituras dos alunos referentes a essa prática corporal. Foi uma roda de conversa na quadra. Fiz a apresentação do tema e expliquei todo o processo que justificava a escolha. Muitas

¹ Brincadeiras, esportes, lutas, danças, jogos e ginásticas.

crianças gostaram da ideia. Em seguida, perguntei: quem joga ou já jogou o basquete e o que sabem acerca dele?

Tem que pegar a bola do outro time e jogar na cesta; tem que montar times e separar por cores.

Perguntei, então: de que maneira poderíamos montar os times e jogar?

Meninos contra meninas; times de três jogadores; todos ao mesmo tempo; jogo de meninos e jogo de meninas, times de quatro, de cinco e de seis jogadores.

Em seguida, expliquei que de acordo com as respostas, montassem os times e jogassem o basquete. Permiti que o jogo acontecesse na forma que sugeriram. Procurei não interferir, somente quando percebia a possibilidade de acontecer um acidente. Tomei esse momento como uma atividade que compôs o mapeamento.

Após as vivências, perguntei: e aí, como foi o jogo?

Muita confusão; estão machucando; não seguem as regras; estão puxando a bola; para, para, para, assim não dá, tem que limitar.

De fato, os jogos foram verdadeiras confusões. Sem limite de espaços, corriam com a bola, puxavam-na uns dos outros, visavam a todo custo estarem com a posse da mesma e arremessar nas cestas.

Ainda com o propósito de compreender melhor as leituras das crianças referentes ao basquete, em uma aula na sala, elaborei a seguinte questão: qual basquete vocês conhecem?

Um esporte europeu; com três juízes; com linhas que marcam a quadra; com cinco jogadores de cada lado; com pontos multiplicados; com oito jogadores em cada time; o basquete normal, que joga do jeito que todo mundo joga, jogam igual. Não, tem gente que joga de outro jeito; o

basquete que joga com dois times e faz pontos acertando a bola na cesta.

Ao perceber pelas falas que as leituras das crianças sobre a prática corporal era do basquete profissional, em uma aula na sala, assistimos ao vídeo de um jogo (Sorocaba x Osasco). Solicitei que tentassem encontrar o que falaram. Solicitei, também, que fizessem outras observações independentes do vídeo, por outras experiências vividas.

Tem cinco jogadores em cada time, são dois times; tem uma bola específica para jogar; tem que correr quicando a bola; quem fazer mais pontos ganha; quando um jogador se machuca durante o jogo, ele tem que ficar dentro de uma banheira com gelo; para jogar tem que ter dois jogadores ou mais; quando o juiz joga a bola, o jogo começa; a NBA é uma empresa de basquete? Tem que jogar com as mãos; cada jogo tem três tempos; para marcar dois pontos, tem que arremessar a bola na cesta; a bola não pode parar no chão; o pênalti não é igual do futebol; se acertar a cesta de longe, vale três pontos; o árbitro fala em libras; tem um árbitro que é mulher; tem 10 minutos de jogo; os juízes acompanham os jogadores que estão com a bola; sempre que o juiz parava o jogo, o tempo também parava; percebi que na quadra existem várias propagandas; quando o jogador vai cobrar o pênalti, o tempo para; aconteceram faltas; o jogo tem seis minutos.

Novamente na quadra, busquei nos meus registros os acontecimentos e falas das aulas anteriores para que pudéssemos fazer uma revisão, considerando os ocorridos com os jogos na primeira vivência. Após a discussão, propus que pensassem em um jogo que fosse possível e que resolvessem os problemas gerados no jogo anterior, como as confusões, faltas de limites, regras, dificuldades de organização, etc.

Diante da minha proposta, as crianças tiveram as seguintes ideias:

Montar times menores; times masculinos e femininos; separar os times por coletes. Também enfatizaram algumas regras: Não tomar à bola a força; não demorar em quicar a bola, se demorar tem que fazer o passe ou arremessar.

Após a realização de jogos que incorporaram essas modificações, discutimos os resultados. Percebemos que o jogo se desenvolveu melhor, mas que ainda aconteceram muitos conflitos. Provavelmente seja pela falta de conhecimentos sobre as regras e da dificuldade em seguir e aceitar as que foram ditas e postas pelo grupo, quando compreenderam a possibilidade de criarem outras experiências. Um problema que remete às condições de possibilidade de leitura do jogo.

Ao analisar esses ocorridos, percebemos sem muita dificuldade que tais falas e atitudes decorreram da leitura que as crianças fizeram do jogo que assistimos - Sorocaba x Osasco - do basquete profissional.

Outro ponto de muita relevância nessas primeiras aulas foi a condição que tive para observar nas falas das crianças e nas primeiras vivências os conteúdos a serem trabalhados, como: regras e gestualidades dos juízes; basquete 3x3; categorias femininas e masculinas; lesões específicas do esporte; organizações do jogo; propagandas e questões econômicas; hierarquias no esporte e no basquete; história do basquete e políticas públicas.

Na quadra, iniciamos os estudos sobre as regras antes, durante e após os jogos. Comecei a aula explicando no máximo três regras e, conforme as situações de jogo aconteciam, eu interferia explicando outras. Solicitei que fizessem de modo não obrigatório, uma pesquisa sobre as regras do basquete para debatermos em aula. Algumas crianças fizeram e conforme entregavam, fazíamos algumas leituras para contribuir com outras formas de estudo que estávamos realizando, seja no jogo ou assistindo ao vídeo.

Durante as primeiras vivências das regras em jogo, nasceram também novas formas de jogar, porque as duas cestas se quebraram. Feitas de um material muito fraco, não aguentaram a rotina das aulas. Lembrando que o que despertou o interesse de jogar o basquete foi justamente a existência das cestas. Então, fiz a seguinte provocação às crianças: de que forma poderemos jogar o basquete sem as cestas?

Com arcos; cestos de lixo; baldes; travessões dos gols; colunas da tela que cercam a quadra; usando o gol; jogando a bola atrás das traves dos gols.

Uma aluna falou:

Na minha casa, eu e meu irmão, como não temos dinheiro, jogamos o basquete na garagem pendurando um balde velho na parede.

Por meio dessa fala, fui atrás de dois baldes e solicitei que essa aluna fizesse como costumava fazer com seu irmão. Assim também fizemos com todas as ideias das crianças. Elas criaram outras possibilidades de jogar basquete de acordo com as condições presentes.

Para melhor estudarmos as regras, fiz a impressão de um material encontrado na internet produzido pela CBB (Confederação Brasileira de Basquete). Ele continha todas as (66) regras, as gestualidades dos árbitros e formas de organização tática. Busquei informações históricas tanto sobre a criação desse esporte como alguns motivos que expliquem a existência de tantas regras. Por fim, na busca de outras narrativas sobre tais regras, trouxe um vídeo de um *youtuber* no qual um ex-jogador de basquete profissional discutia em um tutorial as principais regras para jogar o basquete. Em seguida, promovemos vivências na quadra e abri espaços para as discussões que começaram com a seguinte pergunta: as regras no basquete foram criadas com quais objetivos?

Para não machucar e para organizar; porque no primeiro jogo aconteceram muitas faltas; para diminuir as faltas; para não trapacear; para diminuir as brigas.

Posicionei-me da seguinte maneira: vamos agora nos lembrar dos nossos primeiros jogos, em que vocês jogaram sem conhecer as regras e dos jogos desta semana, em que jogaram tentando seguir as que estudamos até o momento. Falem desses jogos e me respondam se realmente as regras servem para diminuir as faltas?

Sim, mas toda hora o jogo para; sem regras é melhor porque é mais legal; sem as regras todos corriam com a bola, hoje

não; sem as regras é melhor, porque pode correr com a bola; as regras ajudam a evitar os acidentes; corriam com a bola em cima da cabeça; com as regras toda hora o professor parava o jogo.

E as regras em outros espaços, para que servem? Pergunto ao fim da aula. As respostas foram semelhantes em todas as turmas:

Para não machucar; para evitar brigas; para evitar acidentes.

De forma geral, os alunos compreendem que as regras no meio em que vivem, estão relacionadas aos cuidados e a disciplina comportamental. No basquete, diz uma aluna que é uma forma de:

Regular o jogo e alinhar, mas também para evitar brigas e acidentes.

Percebemos tanto os processos de subjetivação provocados pelas regras fixas, reguladores e punitivas, como também os primeiros sinais de resistências, quando alunos e alunas criticam a forma como as regras impedem os desejos de viver certas coisas.

Ao analisar meus registros referentes às primeiras conversas após assistirmos um jogo, em que um dos alunos, ao ver os árbitros fazendo os sinais de arbitragem, perguntou por que eles estavam falando em libras. Respondi naquele momento que não se tratava da linguagem dos surdos, mas de outro modo de comunicação. Ao lembrar-me dessa situação, demos continuidade ao assunto regras do basquete, com a seguinte pergunta: o que são os gestos que os árbitros fazem durante o jogo de basquete?

São os sinais com as mãos que os juízes fazem para ajudar os jogadores no jogo; os árbitros fazem gestos quando fazem faltas; é uma forma de falar com as mãos.

Ao explicar o que são os sinais de arbitragens desse esporte, com base na apostila da CBB, procuramos compreender o significado da palavra gesto e citei a

existência dos mesários e da súmula, fato que gerou outras observações e questionamentos.

Gestos são coisas que a gente faz com as mãos para falar com outras pessoas e chamar a atenção; gestos são palavras; professor, porque a gente não faz isso na quadra? Professor, o que é súmula?

Na sala, assistimos novamente ao vídeo do jogo Sorocaba x Osasco. Pedi para uma criança que pausasse todas as vezes que o jogo parasse por algum motivo e o árbitro fizesse um gesto para os mesários. Pedi para que algumas crianças encontrassem na apostila da CBB o sinal feito pelo árbitro para explicar aos colegas ao que se referia. Por fazerem parte desse processo de arbitragem e organização do jogo, terminamos essa aula falando sobre os mesários e a súmula.

Em uma das turmas uma aluna sugeriu que fizéssemos isso na quadra: jogar o basquete com árbitros, mesários e súmulas. Outro aluno teve a ideia de colocar números nos coletes para facilitar o preenchimento da súmula. Na aula seguinte, realizamos a vivência implantando as sugestões dos alunos.

Quem não queria jogar, preferiu ser mesário ou mesária, árbitro ou árbitra. Orientei que anotassem na súmula o que acontecesse no jogo. Todos e todas marcaram somente o nome dos jogadores que cometiam as faltas e os pontos de ambos os times. As crianças que optaram por realizar a arbitragem acharam muito difícil se comunicar com os mesários por meio dos gestos. Resistiram a esse modo de arbitragem e decidiram falar normalmente por palavras diretamente na mesa as ocorrências que aconteciam no jogo.

Na sala, analisamos as súmulas e comparamos com a original, usada nos jogos oficiais, visando compreender a complexidade da oficial e valorizar o difícil trabalho dos mesários e dos árbitros. Para dar continuidade, sugeri que criassem súmulas, pensando em tudo que estudamos até aquele momento para usarmos nos jogos na quadra. A partir daí, produziram uma súmula com mais detalhes e sem muita complexidade como a oficial. Entenderam que seria importante escreverem os nomes dos times, dos jogadores, dos técnicos, dos mesários e dos árbitros e um espaço para marcação de faltas, pontos e o time ganhador.

Os estudos focados nas regras nos levaram para diversas saídas e entradas em um emaranhado de informações. Em uma das vivências eis que a professora da sala de

uma das turmas me chama para conversar, dizendo que as alunas e os alunos estavam em conflitos por conta da divisão da turma em dois times. Inclusive, essas discussões chegaram até os pais de uma aluna, cuja mãe pediu para que eu montasse os times e não as crianças.

Levei o assunto para aula e perguntei o que estava acontecendo. Uma das alunas disse:

Meu time² está desmoronando.

Outra aluna retrucou:

Elas colocaram espiãs para ouvir os planos do meu time! Professor, minha mãe falou que é para você montar os times.

Discutimos durante uma aula inteira esses ocorridos. Após alguns combinados, foi decidido por votação que tentaríamos organizar times fixos, caso não desse certo, voltaríamos a montar os times nas aulas de forma livre. Na aula seguinte, os times tinham nomes, camisetas com números e apelidos dos jogadores, técnicas e táticas de jogo. Aproveitamos e fizemos alguns estudos, objetivando reconhecer todos os personagens do basquete profissional, torcidas, jogadores, técnicos, equipes de filmagem, mesários, árbitros, bombeiros e as pessoas que trabalham no suporte, como os homens que entregaram as águas para os mesários, conforme a filmagem mostrou.

Estávamos vivenciando um basquete controlado pelas regras, com diversos personagens envolvidos, todos e todas participando da prática corporal de modos diversos. Porém, os conflitos continuaram e as resistências também, deixando as aulas ainda mais interessantes!

No decorrer das vivências, outras coisas atravessaram as práticas pelas relações de poder entre os alunos e alunas. Por conta disso, iniciei a aula citando os seguintes enunciados que apareciam com frequência:

*Professor, eu não tenho time, ninguém me escolheu.
Professor, ninguém passou a bola pra mim.*

² Os alunos e alunas dessa turma dividiram-se em dois grupos, cada um formava um time com uma técnica, jogadores titulares e reservas, para participarem das aulas sem alterações dos jogadores.

Em seguida, questioneei: por que isso está acontecendo?

Porque tem gente que não sabe jogar, e tem gente que não passa a bola; os sabidões pensam que são bons e não passam a bola pra ninguém; é muito natural isso acontecer, porque muitas vezes o jogador que não passa não é amigo, ou é egoísta, ou porque a pessoa subestima a outra, ou por causa do tom de pele, ou cabelo diferente.

De que forma vocês montam seus times?

Eu escolho quem joga melhor, o mais alto, o mais legal; tem gente que só escolhe os amigos; os que é mais bons que os outros; os melhores primeiro e os mais fracos por último; escolho quem é mais rápido, alto e bom de cesta; os meninos escolhem os meninos e as meninas escolhem as meninas.

Quem “não” foi escolhido, o que pensa?

Quem não foi escolhido se sente um merdinha; que não é escolhido porque não sabe jogar; porque é ruim, fica com raiva, ódio, triste; se sente excluído; sente que não tá existindo.

Apenas ouvi e registrei os enunciados. Em seguida, fiz a leitura das falas e algumas perguntas para pensarmos juntos: todos precisam saber jogar?

Não, nem todos.

Qual o problema de não saber jogar?

Nenhum.

E quem quer jogar e não sabe, o que fazer?

Tem que treinar.

Nosso objetivo com as aulas é formar jogadores de basquete?

Não, nosso objetivo é estudar o basquete.

Todos e todas devem participar da aula e jogar?

Sim, tem.

Após as reflexões fiz outra provocação: de que forma montar os times para evitar sentimentos de tristeza, raiva e outras coisas que foram faladas?

Quem for escolher tem que colocar uma venda nos olhos, ir caminhando na direção dos colegas que deverão ficar em silêncio em uma coluna, aquele ou aquela que for tocada fará parte do time; montar uma fila e seguir a ordem; não deixar sobrar nenhum e deixar um ruim em cada lado escolher primeiro os piores; o professor monta os times colocando meninos e meninas nos mesmos grupos; por ordem alfabética; por idade; por tamanho; por amizade; por sorteio; na sorte do advinha em qual mão está o anel.

Foram diversas ideias, com opiniões semelhantes e diferentes entre as turmas. Na quadra, montamos os times conforme sugeriram. Ao final, discutimos as vivências para saber se houve ou não os mesmos conflitos. Em algumas situações sim, em outras, não.

Assim como para estudarmos as regras, solicitei que as crianças que quisessem, pesquisassem sobre qualquer assunto referente ao basquete. Uma das propostas foi que realizassem entrevistas com alguém da família, vizinhos ou amigos, perguntando o que sabem sobre o esporte. A partir das narrativas trazidas por algumas crianças por meio das entrevistas, surgiram enunciados sobre a altura dos jogadores, como:

*Professor, gente pequena pode jogar basquete? Meu irmão disse que só gente grande pode jogar. Eu queria jogar!
O basquete é diferente do futebol, se joga com as mãos, e só é permite pessoas grandes o suficiente para jogar (pai de uma aluna).*

Para melhor discutirmos o assunto relacionado aos corpos dos jogadores de basquete profissional, assistimos quatro vídeos: no 1º, do basquete profissional, passei o filme sem som, apenas orientei os alunos e alunas que prestassem atenção nas imagens e nas minhas observações, tais como: reparem na estatura dos jogadores; no biotipo dos corpos; na vestimenta; na cor de pele; na gestualidade etc.

No 2º vídeo, sobre o contexto histórico, transmiti um trecho que usamos na aula sobre a história do basquete. Enfatizei a parte em que o narrador fala que James Naismith, criador desse esporte, iniciou o primeiro jogo chamando para o centro da quadra os dois jogadores mais altos, sendo um de cada time para disputarem a bola.

O 3º vídeo objetivou mostrar a narrativa de um *youtuber*, dando cinco dicas para um jogador baixo jogar bem, em que inicia fazendo o seguinte enunciado:

Mano, vou falar uma realidade pra vocês, o basquete, ele com certeza vai ser um esporte para jogadores altos.

O 4º trazia um jogo da LUB (Liga Urbana de Basquete), orientei as crianças para compararem o basquete da LUB com o basquete profissional em relação aos corpos dos jogadores: estatura, biotipo, cor da pele, vestimentas etc.

Procurei mostrar aos alunos e alunas que os discursos que defendem a prática do basquete somente para pessoas altas são uma construção histórica. Porém, da mesma forma, por meio da resistência, surgem outros discursos que defendem a prática desse esporte independentemente do biotipo da pessoa, seja ela alta ou baixa. Quem quiser, pode sim jogar basquete. Porém, no basquete profissional, o fato do alto rendimento ser de extrema importância, os processos de seleção e exclusão dos sujeitos que não atendem aos padrões requisitados estão sempre presentes.

A partir dessas discussões sobre os diferentes corpos nos diferentes basquetos e pensamentos, nos quais nos remetemos às narrativas trazidas nas entrevistas, apareceram alguns enunciados, questões e afirmações:

Professor, anão pode jogar basquete? Um dia, poderia existir um jogo de basquete com pessoas pequenas? Por que separam o jogo dos homens do das mulheres? Existe um basquete de cadeira? Para os pequenos jogarem, é só montar um time com pessoas pequenas! É preconceito a pessoa baixa não poder jogar o basquete! Para as pessoas baixas jogarem, é só fazerem um time com pessoas baixas e abaixar as cestas!

De acordo com nossas condições de tempo e material, buscamos realizar algumas dessas propostas referentes a outras formas de jogar o basquete, contrariando os padrões impostos.

Com a intenção de considerar os conteúdos que surgiram nas primeiras aulas, trago para as discussões algumas falas, como:

Tem que correr quicando a bola; quem marcar mais pontos ganha; se acertar a cesta de longe vale três pontos.

E com o decorrer das vivências outras:

Melhor é aquele que treina com o pai; quem não sabe, tem que fazer igual eu, tem que treinar; professor, na próxima aula, posso dar 10 minutos de treinamento para meu time? Queria ensinar uma coisa pra eles.

Enunciados como esses, nos levaram a vivenciar o treinamento específico desse esporte. Para isso, como em outras situações de aula, na intenção de fomentar as leituras das crianças, pergunto: de que forma vocês imaginam ou sabem sobre um treino de basquete?

Começa com o aquecimento; lá onde eu treino, o professor começa com a gente correndo 10 voltas pela quadra; nesse fim de semana, fiquei 4 horas treinando o basquete no centro esportivo perto da minha casa, lá não é uma quadra, é um espaço onde algumas pessoas ficam jogando o basquete.

Fizemos em algumas aulas exercícios de treinamento do basquete conforme as narrativas trazidas pelas crianças. Em seguida, conversamos sobre as fases de um treino de esporte coletivo com argumentos defendidos pelo saber da ciência: aquecimento e suas funções fisiológicas; alongamentos e seus benefícios: verdades e mitos. Sempre perguntando o porquê disso ou daquilo, e a questão da importância em seguir uma sequência dos diferentes tipos de exercícios de acordo com suas funções e objetivos, já que nas experiências apresentadas por algumas crianças, ela existe.

Minha intenção foi fazer com que as alunas e alunos pensassem nos diferentes tipos de conhecimentos, populares ou científicos. Por que em certos espaços o treino segue uma sequência de exercícios, já em outros não? Como disse o aluno ao relatar que treinou quatro horas em um lugar que não é uma quadra, enquanto o outro, que o professor começa o treino orientando-os a correrem 10 voltas na quadra como aquecimento.

Cada vivência descrita anteriormente, assim como as seguintes, foram registradas por meio de escritas, fotos e gravações de vídeos. Dessa forma busquei compreender o modo como as crianças negociam os saberes trazidos para as aulas pelas diferentes narrativas que conduziram nossas experiências. Esses procedimentos me ajudaram a tomar decisões para onde ir, se deveria continuar, retomar, ou até mesmo parar.

Nas escritas:

Eu gostei de como se joga o basquete, é um jogo para qualquer um, é bem legal esse jogo, eu gostei como se joga; eu não gostei que as pessoas falam que gente pequena não pode jogar; eu aprendi as regras do basquete e gostei do jogo com regras, o sem regras teve muita bagunça, e o basquete ensina muita coisa.

As fotos e gravações dos vídeos serviram de referência para perceber como se deram as primeiras vivências e como estão ocorrendo após o transcorrer das aulas. No final de cada aula, no início de cada planejamento, permanecia a questão: parar ou continuar? Aí me obriguei a pegar os registros escritos em meu diário de bordo e analisar as falas:

Nesse fim de semana fiquei 4 horas treinando o basquete no centro esportivo perto da minha casa. Lá não é uma quadra, é um espaço onde algumas pessoas ficam jogando o basquete. Que basquete vocês conhecem? O basquete normal, que joga do jeito que todo mundo joga. Não, tem gente que joga de outro jeito.

Por conta desses enunciados, inevitavelmente busquei outras representações do basquete, chamadas de urbanas, como: 3x3 e *streetball*. Iniciamos com vídeos, textos e outras pesquisas que algumas crianças fizeram sobre essas práticas corporais. Estudamos esses basquetes jogando, parando e discutindo, a cada conflito levantando apontamentos ou dúvidas.

Comecei a perceber as primeiras leituras dos alunos, tanto de entendimentos como de questionamentos, a seguir:

No streetball não tem regras, pode fazer qualquer tipo de manobras, pode até usar os pés; joga de qualquer jeito; professor, no basquete de rua os jogadores também fazem estratégias de jogo? Professor, no streetball tem times femininos?

Procurei trazer vídeos do basquete urbano feminino. Também entrei em contato com o técnico do basquete feminino do time de Sorocaba, para tentar uma visita na escola, mas não obtive resposta. Quanto à ideia que no *streetball* não tem regras, tentamos por meio das pesquisas feitas pelas crianças, compreender as diferenças do basquete 3x3 e do *streetball*, já que nas primeiras leituras, percebemos que ambos são considerados basquetes urbanos.

Após algumas vivências, iniciei outra, que tratava de analisar o basquete profissional comparando-o com o urbano, esperando ouvir diferenças relacionadas as forma de jogar. Porém, as discussões seguiram para outro lado, o econômico e do biotipo dos jogadores:

Tem um gordo jogando; a maioria é negro; professor, os jogadores do basquete de rua também ganham salários?

Por meio desses enunciados, tentamos compreender o basquete urbano como forma de resistência e luta de alguns grupos sociais, um processo que se deu através de vídeos com narrativas de praticantes e discutindo os resultados das pesquisas trazidos pelas crianças. Momento em que voltamos a falar sobre o processo seletivo e excludente dos times profissionais.

Após as primeiras leituras, jogamos conforme os vídeos e textos. Porém, diante de diversas situações, local, material e número de crianças nas turmas, começaram a surgir novas ideias. Algumas facilmente percebemos como formas de simplificar o jogo ou fazer adaptações, e outras, como resistências.

Em umas das aulas, na qual pedi que os alunos montassem times de quatro jogadores para jogarem o 3x3, em que três jogariam e um ficaria na reserva, um grupo chega até mim e diz:

Professor, vamos fazer 4x4.

Pedi para que explicassem melhor, então disseram:

Queremos jogar todos ao mesmo tempo, no 4x4 ninguém fica na reserva.

Outras falas apareceram que também contrariam o modo de jogar o 3x3:

Queria jogar o 3x3, mas usando as duas cestas.

Novamente pergunto: mas, por que?

Porque sim, é mais legal.

Foram situações em que os alunos e alunas, ao não concordarem com uma ou mais regras, decidiram mudar de modo que, no entender deles, pudessem tornar o jogo mais justo ou divertido. E assim fizeram, jogaram, viveram!

Na semana seguinte, um aluno do 4ºB disse ter criado um jogo de basquete com um colega fora da escola. O mesmo relatou que a intenção era jogar o basquete, porém, não encontraram a bola específica. Por esse motivo, pegaram outra bola e criaram um jogo que, segundo ele, foi inspirado no basquete. Convidei-o a escrever o jogo e nos ensinar como jogar em umas das próximas aulas. Mas, ele sempre se esquecia de trazer, e deixávamos para aula seguinte. Por fim, acabou caindo no esquecimento e outros assuntos nos levaram a ver outras coisas. De qualquer modo, o mais legal ocorreu quando ele, diante daquele contexto em que não havia a possibilidade de jogar o basquete, criou um jogo novo.

No decorrer dos estudos, ainda voltados para o basquete urbano, surgiu a oportunidade de recebermos na escola a visita de um jogador profissional, o Henrique. Agendei a data e iniciei o planejamento, elaborando perguntas prévias com as crianças para a entrevista.

Chegado o dia, a primeira impressão dos alunos e alunas foi o biotipo do jogador, com apenas 21 anos de idade, medindo 2,12 m de altura. Jogou no clube Internacional de Regatas Santos, categoria sub 19, na LSB (Liga Sorocabana de Basquete), categoria adulto, participando do campeonato Paulista e NBB e, recentemente, jogou pelo ASI PrepSchoole Cooper Internaional Academy³, nos Estados Unidos.

Após uma breve apresentação, começam as perguntas. Em seguida, alguns exercícios de treinamento específico do basquete profissional conduzidos por ele mesmo. Ao final da atividade, grande parte dos alunos e alunas correram para pegar autógrafos.

Na aula seguinte, expliquei às crianças que a intenção era produzir um conhecimento ainda não construído nas aulas que tivemos. Questionei: o que vocês aprenderam com o jogador Henrique?

*Que as pessoas baixas e gordinhas também podem jogar;
que tem que treinar 8 horas por dia; as pessoas baixinhas
podem jogar, mas precisam treinar muito; jogar com a mão
esquerda; aprendemos a driblar passando a bola por baixo*

³Academias com programas preparatórias para a faculdade na transição entre o ensino médio e o superior para estudantes atletas. Têm como objetivo o desenvolvimento acadêmico, atlético e interpessoal do aluno para garantir um nível mais alto de sucesso na faculdade e na vida. Atende atletas estrangeiros com potencial, oferecendo além do treinamento de basquete, curso avançado de inglês.

das pernas; aprendi que o basquete é uma profissão; que quando a gente quer desistir temos que olhar para frente e não para trás, para continuar sem desistir; aprendi que eu como arroz e feijão todos os dias e não cresço⁴.

Diante da última fala, tivemos que fazer alguns comentários sobre genética e alimentação. Procurei explicar para essa aluna e toda turma, que para crescer em estatura, não basta apenas uma alimentação saudável e treinamento físico, o fator genético é crucial para esse fim.

Com a entrevista e visita do jogador Henrique, o que mais marcou as crianças foi à desconstrução do discurso que o basquete profissional é somente para as pessoas altas, e que as baixas não podem jogar. Mas, também, compreenderam que na seleção dos jogadores, o condicionamento físico do atleta é fundamental. Que independente da altura ou peso corporal, todos e todas devem treinar muito.

No decorrer das aulas, com o basquete urbano ainda muito presente, eis que fui convidado pela direção da escola⁵ para conduzir jogos de basquete 3X3 na quadra, com as crianças, pais e comunidade, em um evento que se chamou “1ª Ação Social no Benedicto Cleto”. Nesse dia, a escola ficou aberta, oferecendo à comunidade serviços como cortes de cabelo, massagem e oficina de culinária. Além das seguintes atividades: jogos de tabuleiro nas salas e na quadra o basquete 3x3 ao som do hip-hop. O que era para ser algo recreativo alcançou outras dimensões. O evento tornou-se muito importante para nossos estudos. Não foi uma aula, mas não deixou de ser uma relevante experiência para as crianças e para mim.

Durante a semana que antecedia o evento, divulguei nas aulas que estaria na Ação Social, organizando na quadra jogos de 3x3, montando os times e conduzindo os jogos. Na data marcada, conforme as crianças chegavam com seus pais, montávamos os times e o jogo começava. Os que viam depois ficavam “de próximo”, semelhante ao que acontece na rua. Foram 2h30 de atividades e durante todo esse tempo o basquete 3x3 aconteceu. Na semana seguinte, as vivências que ocorreram no evento, também fomentaram as aulas.

⁴ Uma aluna perguntou o que precisava fazer para ser tão alto. O jogador entrevistado respondeu que precisava comer muito arroz e feijão.

⁵ Esse fato ocorreu no planejamento das atividades que seriam oferecidas em um evento social, buscando ocupar todos os espaços da escola e de algum modo atender a população com informações, serviços e diversões.

A cada novo conteúdo a ser explorado e discutido, eu convidava as crianças a fazerem trabalhos com outras linguagens que não a corporal. Algumas trouxeram pesquisas da internet, outras maquetes e, diferentes dessas, duas alunas quiseram elaborar provas.

Professor, a gente pode fazer um trabalho sendo uma prova e aplicar na sala?

Pensei: tenho que entender melhor a proposta delas. Acabei concordando como forma de estudo, não para valer nota. Alguns dias depois, chegaram com aproximadamente 30 cópias da prova e um texto de fundamentação para o estudo, tudo feito à mão. Passei para a turma o que elas tinham feito, antes mesmo que eu explicasse, iniciaram alguns conflitos:

Eu não vou fazer essa prova. Não é justo porque elas não vão fazer.

Pedi para que elas falassem da ideia que tiveram. Segundo as mesmas, queriam fazer aquilo porque na Educação Física o professor nunca deu uma prova como avaliação. Tive, então, que explicar como eram meus modos de avaliação, em que procuro considerar principalmente a participação⁶, ao invés de uma prova escrita valendo nota.

Na semana seguinte, no dia em que combinamos fazer a prova, outros conflitos emergiram. Porém, disse que todos e todas teriam que fazê-la, porque fazia parte do planejamento da aula, que não ficassem preocupados e preocupadas com o resultado porque não estaria valendo nota. Seria para nós mais uma forma de estudo. Assim foi feito.

Aproximando o fim dos trabalhos e estudos, em um belo dia, voltando da escola para casa de bicicleta, passei próximo ao centro esportivo onde treino. Lá encontrei um praticante do basquete 3x3, o Gabriel. O abordei, me apresentei e convidei-o e mais alguns dos seus amigos para nos fazer uma visita na escola. De imediato o convite foi aceito. Na semana seguinte, começamos a fazer os planejamentos, com a direção e com os alunos.

⁶ Quando o aluno e a aluna se fazem presentes na aula, discutindo sobre o assunto que está em estudo, seja perguntando ou respondendo, jogando ou assistindo o jogo com o intuito de falar sobre. Não basta estar na aula, a participação se dá no fazer a mesma com foco no tema que está sendo estudado.

Assim como na entrevista com o jogador do basquete profissional, preparamos algumas perguntas prévias, como forma de iniciar as conversas. Organizamos três horários, para que todas as turmas pudessem participar, e no dia combinado, fizemos as vivências. Iniciamos com minha fala, na qual expliquei um pouco como aconteceriam as vivências, logo após, começamos pela entrevista, em que além das perguntas previamente elaboradas, tivemos também perguntas livres que surgiram no momento. Em seguida, os praticantes dessa prática corporal fizeram duas apresentações, ao som do hip-hop, sendo uma do 3x3 e outra do *streetball*.

Na aula seguinte, perguntei o que aprenderam com as vivências.

Que tem muitos jogadores de menor, que largam a escola para treinar o basquete profissional, que tem que estudar primeiro para depois tentar ser um jogador; alguns fazem faculdade e também jogam o basquete 3x3; não podemos apostar só no basquete, temos que ter uma base (escolar), caso o basquete não dê certo; que o basquete profissional não aceita os jogadores pequenos, já o 3x3 e o streetball aceitam, isso acontece comigo, quando ninguém passa a bola para mim porque sou pequena; no 3x3 todos pegaram na bola, eles aceitam nossas diferenças; que no streetball aceita jogadores de todas as idades, até as crianças, no profissional não; que não são só as pessoas altas que podem jogar o streetball, as baixas também podem; aprendi que a gente joga errado; o jeito de dividir os times é diferente; que pode jogar desde pequeno; que eles fazem graça para fazer cestas; no basquete profissional tem faltas que no streetball não é falta; que em 2020 vai ter o 3x3 nos Jogos Olímpicos; a vitória é do time que fizer 21 pontos; que eles usam bermudas compridas para não machucar os joelhos no asfalto.

Através das falas, percebemos que a visita dos praticantes do basquete urbano trouxe para as crianças outras possibilidades de leituras dessa prática corporal. Com o enunciado da aluna sobre sua altura, por não passarem a bola para ela por ser pequena,

analisamos que o basquete profissional é seletivo e excludente, diferente do urbano, por aceitar as “nossas diferenças”.

Outra fala chamou a minha atenção:

Estamos jogando errado.

Isso nos fez perceber a importância das vivências que trazem para os alunos e alunas outras leituras sobre a cultura corporal, como a questão da vestimenta, da bermuda comprida abaixo do joelho para proteger das lesões nas quedas no asfalto. Até mesmo, se o modo como acessamos e fizemos o jogo, foi como acontece fora dos nossos ambientes de aula. Destaco também o modo como organizaram os times com os lances livres, que até então, não sabíamos.

Após as aulas em que discutimos as semelhanças e diferenças entre os basquetes produzidos no decorrer da história, sugeri que as crianças montassem grupos e pensassem em outras formas de jogar de acordo as nossas condições e experiências.

Primeiro, dividi a quadra em quatro partes, sendo dois lados com as tabelas e outros dois, sem. Deixei o armário dos materiais de portas abertas para que as crianças pudessem pegar o que quisessem e fiz a seguinte proposta: de acordo com o espaço e materiais disponíveis, criem um jogo de basquete. Em grupos, juntos, pensem em como jogar, e joguem.

Na sequência, entreguei uma folha para cada grupo e orientei que escrevessem o que tinham feito. Para auxiliar na criação, pedi que pensassem nas coisas que incomodavam, seja pela dificuldade, por não concordarem com certas formas de jogar, ou para tornar o jogo mais interessante e divertido. Por fim, que discutissem as decisões.

Em algumas aulas, jogavam e escreviam, em outras, escreviam e jogavam. O jogo foi sendo construído em meio aos conflitos de relacionamento nas decisões e escolhas, nas tentativas, erros e acertos:

Quero trocar de grupo. Só ela quer mandar. Não vou fazer mais.

Foram muitos. Sugeri que ninguém saísse, mas que tentassem resolver os problemas no grupo, ouvindo a opinião de cada um, mas, a decisão da maioria teria que prevalecer, caso contrário, não conseguiriam terminar a atividade.

Vários basquetes surgiram:

Basquete livre; jogo amigável; 2x2 divertido; basquete 3x3 pernabol; basquete 2.0; pensa rápido; basquete 7x7; basquete fênix; basquete de dança infantil; basquete de garagem; basquete de trave; passabol 3x3; driblebol; basquete street; basquete inverso; 4x4; greenteens; basquete dos malokas.

Em todo final do ano letivo, entre novembro e dezembro, a escola organiza a Mostra Cultural. Há exposições de todos os trabalhos e produções das crianças realizadas no decorrer do ano. Logo no início, nas primeiras reuniões, escolhemos um tema para esse evento: Mostra Cultural Literária. Dentro do tema, teríamos (professores e professoras com os alunos e alunas) que desenvolver trabalhos com diferentes autores e gêneros textuais. A Educação Física ficou de expor as vivências das aulas por meio de fotos com “legendas”.

Em um painel, eu e outro professor expusemos várias fotos com legendas, explicando nossas vivências nas aulas de Educação Física. Sobre uma mesa, deixei expostos trabalhos escritos, maquetes e várias outras produções das alunas e alunos. Também deixei uma bola de basquete para fazer parte da decoração, porém, essa quase não ficou parada sobre a mesa, o tempo todo foi usada nas brincadeiras das crianças.

Após o evento, tivemos mais algumas aulas. Nelas procuramos revisar os conteúdos estudados, com rodas de conversa a fim de expor o que aprendemos, gostamos e não gostamos de fazer. Na quadra, além das discussões, jogamos os basquetes que fizeram parte das aulas.

Encerramos o projeto não porque não tínhamos mais conteúdos a serem explorados, mas sim, por conta do fim do ano letivo. Momento em que, ao refletir a sós ou com as crianças, percebemos como nossas aulas foram tomando destinos distintos de acordo com as “narrativas” trazidas diariamente por diferentes sujeitos em diversos contextos.